**MANUAL DO PROFESSOR** 

editora buqui



# para jovens inquietos



#### Sérgio Capparelli

# para Jovens in quietos

MANUAL DO PROFESSOR



Texto de acordo com a nova ortografia

Paratextos: Kátia Chiaradia e Marcella Abboud

Capa e projeto gráfico: Ana Gruszynski

Preparação e revisão: Mariana Donner da Costa



CIP-Brasil. Catalogação na publicação Sindicato Nacional dos Editores de livros, RJ

#### C247p

Capparelli, Sérgio, 1947-

Poemas para jovens inquietos: manual do professor / Sérgio Capparelli; [paratextos Kátia Chiaradia, Marcella Abboud] ; [capa e projeto gráfico Ana Gruszynski]. – 1. ed. – Porto Alegre [RS]: Buqui, 2021.

128 p.; 20,5 cm.

ISBN 978-65-86118-99-5

1. Poesia brasileira. I. Chiaradia, Kátia. II. Abboud, Marcella. III. Gruszynski, Ana. IV. Título.

21-69381 CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

#### © Sérgio Capparelli, 2019

Todos os direitos desta edição reservados a BUQUI COMÉRCIO DE LIVROS EIRELI Rua Dr. Timóteo, 475, sala 102 – Floresta – CEP 90.570-041 Porto Alegre, RS, Brasil

Impresso no Brasil Verão de 2021

# luietos

#### Poesia inquieta

Vivemos em um tempo de inquietudes. Um tempo elusivo. Muda constantemente e nos foge por entre os dedos. É escorregadio. Veloz. Surpreende-nos a cada instante.

Às vezes recusamos esse tempo. Às vezes o abraçamos. Duplamente. Porque também mudamos. Também somos velozes em nossas fúrias e em nossos amores.

É assim que nos perdemos, assim que nos achamos. Basta abrir os olhos de manhã para nos darmos conta de que nós e o mundo somos outros, com a impressão de sermos os mesmos.

Poemas para jovens inquietos é sobre esse tempo complexo e sobre essa inquietude. O livro é também um convite. Um "vem pra luta!". Um chamado contra a escuridão.

Nesse processo, buscamos ser transparentes. Luminosos. Mesmo se, ao escuro, dissermos não. Prosseguimos. Sempre. Com iluminações de flashes, luzes, claridades.

Queremos ser livres, dignos, solidários. Mais humanos, enfim. Só assim conseguiremos manter o equilíbrio, nessas derrapagens que o mundo dá, cantando pneus diante do abismo. E também assim teremos certeza de estarmos vivos e sermos capazes de conseguir respirar.

O leitor perceberá durante a leitura que a inquietude começa bem antes. Todo menino ou menina que começa a deixar a infância debate-se com uma realidade diferente. Os poemas dessa coletânea são clarões dessas mudanças e dessas inquietudes.

A primeira parte, "Apenas o começo", são de *Restos de arco-íris*, publicado em 1992. A segunda parte, "Os Mequetrefes contra os Cheirosos", recolhe poemas inéditos. A terceira parte, "Duelo", tem origem em *Duelo de Batman Contra a MTV*, prêmio Jabuti de 2004. A última parte, "Para o seu governo", traz tanto poemas inéditos quanto publicados em *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*. O resultado é um conjunto em equilíbrio instável. Os inéditos agem como eixos, capazes de revelar um narrador fantasmagórico, a custo perceptível. Os novos chamam a si os já publicados e procuram lhes dar um rosto, o do tempo em que vivemos.

Sérgio Capparelli San Vito al Tagliamento, 4 de julho de 2019

#### <u>Sumário</u>

#### Apenas o começo

Nas horas essas 114

Canga | 15

Doente anônimo 116

Menina na janela 117

Cavalo branco 118

A medida exata 119

Grafite no muro do colégio 120

Grafite-resposta na parede do banheiro I 21

E na parede do Café do Espanhol 122

Folhas de plátano 123

Mariana 124

Beat | 25

Excursão 126

Bilhete de Mariana 127

Segundo bilhete de Mariana 128

Eu e os bombons 129

Bilhete de Mariana a Heloísa I 30

Cavaleiro cego 131

Às vezes | 32

Terceiro bilhete de Mariana 133

Se os hibiscos... 134

#### Os Mequetrefes contra os Cheirosos

Jogo decisivo dos Mequetrefes contra os Cheirosos 136

Passes | 42

Pequenos 143

Batida de falta | 44

Duas ou três coisas 145

Lena 147

#### Duelo

Pânico 150

Asas abertas | 51

+ que perfeito | 52

Legionário de autoestrada 153

Depois do almoço 155

Água I 56

Meu ponto de vista 157

Um vulto | 58

Agora que não estou só | 59

Achava que conhecia 160

A vida | 61

Janela com lambrequins | 62

O céu 163

Os selos 164

#### Para o seu governo

A fome da internet 166

Dora 1 67

Escarcéu 168

Bits 1 69

Mensagem 170

Limerick do computador nº 1 | 71

Limerick do computador nº 2 | 72

Democratização da intimidade 173

Elegância 174

Mensagens perdidas | 75

Palavras de amor 176

Mensagem inesperada | 77

Por quê? 178

Conversa séria 179

Onde se meteu Dora? 181

Jardim virtual | 82

Ouando 183

Saiba 184

Para o seu governo 185

Bit selvagem | 86

Atenção! 187

O velório 188

Inserções anônimas 189

Degelo 190

Analista de sistemas I 91

Me perdoe 192

Metamorfose | 93

Caíram sobre Dora 194

Assédio 195

Exposição digital 196

#somostodosDora | 97

A Síria da Sérvia I 98

Loucura 199

De madrugada I 100

Viva voz | **101** 

O amigo de Alepo I 102

Mensagem de Berlim I 104

Extensões i 105

Quilombola | 106

Tempo esquivo I 107

Sobre o autor, a obra e o gênero literário 1113

# aPenas





Sei não, difícil explicar, tem horas em que a gente se esvazia, assim como um balão, devagarinho, perdendo o ar.

Sabe, nas horas essas, a gente cai da bicicleta e do rolimã, as pandorgas arrebentam a linha e até cachorro manso mostra os dentes, morde o ar.

Nas horas essas, mamãe nos manda calar, está ocupada, você não vê? Sabe, nas horas essas, sei não, a gente tem uma vontade doida de morrer por aí, desatar o nó na garganta e quebrar o alçapão.



Pois é, Mariana viajou. Ela não se dá conta de que é o meu amor. Engraçado, a gente sente-se meio bobo, boi sonso mugindo numa canga de dor.

(Bilhete encontrado na sala de aula pela turma da limpeza)

Doutora, meu amor adoeceu, anda perrengue, estropiado, tem o fígado roto e o coração em descompasso.

- Doutora, não sei o que faço!

Meu amor sofre de artrite, estresse, falta de viço, magro, magérrimo, quase morre de cansaço.

– Doutora, não sei o que faço!

Não sai mais a galope, nem a trote, como antes. Doutora, ele agora, muito triste, segue a passo, lento passo.

Doutora, linda doutora,o que é que eu faço?

## Menina na janela

A lua é uma gata branca, mansa, que descansa entre as nuvens.

O sol é um leão sedento, molambento, que ruge na minha rua.

Eu sou uma menina bela, na janela do meu olhar que te procura.

## Cavalo branco

No meu sonho tinha um cavalo, cavalo branco, que nem marfim, ele corria na noite clara, louco, na noite sem fim.

No meu sonho tinha um cavalo, cavalo branco, que nem marfim, por ginete, o vento leste, e legiões de querubins.

No meu sonho tinha um cavalo, cavalo branco, que nem marfim, cheirava à macega branda, triturada com alecrim.

No meu sonho tinha um cavalo, cavalo branco, que nem marfim, fremia em um buçal de prata, a galope dentro de mim.

## A medida EXATA

De onde vem esse riso solto, esse riso louco que desata, vindo d'alma sem passar pela boca?

## Grafite no muro do colégio

Mariana, meu amor por ti arde que nem pimenta, ele queima, faz chorar, será que você aquenta?

## Grafite-resposta na parede do banheiro

De noite, na sua cama, você muge feito criança, querendo pisar, sem jeito, meu jardim de porcelana. O que se passa, boi sonso, o seu mugido me cansa.

## E na parede do Café do Espanhol

Boi sonso, boi de mamão, põe bem dentro da cachola: vai pastar em outro pasto, pois brincadeira tem hora. Tchau, bye-bye, arrivederci, desconfia e não me amola.



Alfredo estala os dedos e chama pelo garçom: – Ei, cinco chocolates quentes, agora, já, pra ontem!

Bebemos em silêncio enquanto Mariana ajusta um grampo nos cabelos e se joga em mimos para o Alfredo. O chocolate queima, chumbo quente, que desce goela adentro, Mariana, Mariana, não te entendo!

Imagino então loucuras pra te conquistar, amor, alistar-me na Legião Estrangeira ou aos jornais contar minha identidade verdadeira de ás da Força Aérea na Segunda Guerra, e Mariana ri para Alfredo, o chocolate me fere, despela, queima-me a goela, enquanto, fora, a tristeza empoça e congela.



Se me permite, Beti, gostaria de te comunicar que o meu amor por Mariana descarrilou.

Eu te peço, por favor, Beti, chame o Corpo de Bombeiros, espalhe cones de advertência nas estradas, suspenda licenças para tratamento de interesses, despache ambulâncias com sirenes à toda, instale hospitais de campanha e dê o alerta vermelho.

Eu sou centenas de mortos e feridos.

25

Beat

Triste

Índigo

Blue

## Excursão

O ônibus esforçava-se na subida e como era difícil o amor de Mariana. de blusa rala e jeans apertado! A viagem nem tinha começado e eu ali, em meio ao vozerio, cantava, hatendo nos bancos. A professora pedia um pouco de silêncio, pelo amor de Deus, vou ficar surda. e a turma batucava e batucava e batucava no meu peito um coração pedindo estrada. E você, nem te ligo, conversava com Luísa, ajeitando uma rosa branca, nos seus cabelos lisos. Ô Mariana, vê se me vê, pô, estou aqui, louco de você, e me calava, ouvindo o ônibus cheio de amor pela estrada que diante dele se torcia, machucada.

### Bilhete de Mariana

Me vi no espelho com os teus olhos, para saber como me vês.

A menina magra, de sardas, afasta os cabelos da testa e ri.

Eu digo para mim: esta é Mariana. E repito MA-RI-A-NA. A menina se volta.

Continuo a olhá-la, por instantes, como você faz, com seu jeito ao mesmo tempo distante e voraz.

## Segundo bilhete de Mariana

Não pense que não notei o modo que me olhava e os gritos que você, mudo, me enviava.

Me fingia distraída, displicente, perdida até, mas dentro de mim, ardia, ah, como ardia!

Você vai me desculpar, mas é jeito de dizer: você parecia um cãozinho a me olhar e a me pedir não sei o quê.

#### Ewe os bombons

Mariana passa sempre pela praça, só hoje é que não passa, e eu, aflito, com essa caixa de bombons! Oh, Mariana, aparece, vê se passa, dá o ar de sua graça, pois já se derretem os bombons, melam, viram pasta.

Que desgraça!

Eu, de guarda, com a caixa, olho a esquina.

Você não passa, Mariana! As pessoas olham minha imagem refletida na água: Quem é o bobo? De quem você fala? Do palhaço da caixa!

Eu não ligo e espero que você passe, Mariana, mas, nada, você não passa, só de pirraça!

### Bilhete.de Mariana a Heloisa

Nem pude acreditar! No banco da praça, perto da fonte, ele comia bombons, só e sem graça, lambendo os dedos melados, marrons.

Ficou sem jeito, avermelhou, e disse, olha, eram para você, esperei que você passasse e você não passou.

## Cavaleiro cego

O vento monta um cavalo de ferro e galopa feito cavaleiro cego.

O vento monta um cavalo de mármore e zune na cabeleira das árvores.

O vento monta um cavalo de aço e desembesta por onde eu passo.

O vento monta um cavalo de barro com o grande temor de quebrá-lo.

## ÀS VE**Z**ES

Às vezes, de noite, acordo com muito medo de alguém roubar os meus segredos, às vezes, de noite.

Às vezes, de noite, adormeço e no lume da vela, estou desperta e mais velha às vezes, de noite.

Às vezes, de noite, no meu sonho corre um rio que me faz tremer de frio, às vezes, de noite.

Às vezes, de noite, me digo que sou boa, que sou meiga e que sou bela, e que cresci e que sou cega, às vezes, de noite.

## Terceiro bilhete de Mariana

Tenho por ti um amor desaforado, tiro e queda, desse que pega pelo pescoço, roda no ar, estrebucha e põe na panela.

Sabe, apesar de tudo, é um amor contido, te vejo, sinto febre, tremo, deliro, mas, Deus meu, ele não explode além da pele.



no inverno florescessem. sairíamos de mãos dadas. e as pessoas, nos olhando, com um quê de vergonha, um quê de culpa, um quê de nada, diriam: esses, sim, são dois felizes, vê-se logo. E se os hibiscos... ah, se eles no inverno florescessem. ocuparíamos a mansarda que se encontra bem no topo da escada. E eu diria, "meu senhor, estamos sós!", e você, "minha senhora, apenas nós", e a escada em caracóis de gemidos, exclamaria "se os hibiscos... ah se eles, no inverno florescessem. o teu peito, para sempre, eu escolheria, por morada".

Se os hibiscos... ah. se eles

os Mequetrefes

contra

os Cheirosos

## Mequet Chelloso



Os Tênis-Furados foram jogar
de tênis furados, jogar,
assim, sem ligar ao que outros dissessem!
Suavam, coitados, suavam gelados.
Os Tênis-Furados foram jogar
no verde onde rola a redonda bola.
Os Cheirosos riram, vocês vão perder,
assim gritaram, bem alto, aos Tênis-Furados.
Não importa, jogamos dobrado,
respondemos, vamos ganhar!
A bola já voa,
da grande área é que vamos chutar.
Seus pernas de pau, vão sair no jornal,
de tênis furados não podem jogar!
Os Tênis-Furados foram jogar.

## MEQUETREFES CONTRA OS CHEIROSOS



De tênis furados jogaram bem.
Os Cheirosos, de olhos fechados,
desviam a bola, a bola reenviam,
abrem a bocarra, a bola agarram,
nós, Mequetrefes, oh, que medo, vão nos matar.
Melhor desistir, dar o fora daqui.
Os Cheirosos: a coisa tá preta, vão sair de muleta,
seus pernas de pau, vão acabar no jornal,
de tênis furados não podem jogar,
bola na rede, rede na bola,
somos Cheirosos, vêm nos cheirar,
vocês estão perdidos,
de tênis furados não podem jogar.



branca, a geada.

A bênção, meu tio, tô morto de frio.
e meio zonzos e meio tontos,
enlouquecemos, perdemos o juízo
e gritamos: é agora a nossa vez,
hoje quem serve é o nosso freguês!
Então batemos, em cima e embaixo,
bolas com encaixes, bolas espertas,
batemos, possessos, de tênis furados,
bola na rede, rede na bola
e então os Cheirosos entraram em ação,
partiram pra guerra, armaram canhão,

de olho preto e de pires na mão.

Branca, a geada sobre o gramado,



Sim, dos Cheirosos, a reação.

E quando o sol esquentou o gramado dentro do estádio, suaram dobrado uma folia, parecia quermesse, dentro do campo, os Cheirosos, contentes.

Já os Tênis-Furados gemiam, ô vida!, ô solidão!, com fome de gol e as calças na mão, e se não tem nóis, nóis mesmo é que vão, comendo feijão, comendo torresmo fazendo careta e chupando limão.

Bola na rede, rede na bola, os Cheirosos agora vão ter, vieram, contudo, com tudo insistimos.

Damos ensino, é grátis, têm de aprender!



E jogamos, ah, cheios de gana, ah, quanta gana!
E tamo que tamo, é a nossa vez, terreno adverso, jogo diverso, versos conversos na bola da vez.
Lá vai o primeiro, já vai o segundo, só gol de letra Cheiroso soletra!
Ao gol de placa, a bicicleta, bola na rede, rede na bola, e se não ler o pau vai comer.
E quando os Cheirosos imploraram perdão, sem fôlego, perdidos, lambendo sabão, levaram bala, levaram canhão, a amostra é grátis, agora vão ter.



E para casa estão a caminho, sim, cinco a zero, sim, sim, e um disse: hoje demos o troco, um jogo raçudo, um jogo febril, atrás deles dançam cem caes sem til.

Os Tênis-Furados riem dobrado e também dançam, ah, como dançam, dançam felizes até que o sol apareça.

Que boa jogada, que jogo bom!

Bola na rede, rede na bola e os Cheirosos, coitados, tão que tão, uma canjiquinha, por favor, um naco de pão, com galos na testa, participam da festa, como um amigo, como um irmão.

### Passes

Trago no bico da chuteira, como se em um espelho do que fui, todos os gols que eu marquei, todos os jogos que eu joguei, todos os lances de que participei e tudo o que, depois de tudo, considero só o começo.

Peguennos

Em pequenos passes, em pequenos passos.

Em dribles corretos, em lances certos.

Em corridas loucas, em loucuras poucas.

Em gestos metódicos, em medos episódicos.

Em bolas perdidas, em bolas divididas.

Em diretas astutas, em viradas súbitas.

Em bolas de efeito, em tiros perfeitos.

Nós chegaremos lá! Nós chegaremos lá!

## Betue

Eu olhava para o gol com olhos aprisionados pela risca de cal da pequena área.

E havia o goleiro. O sol iluminava seu rosto. Estava aflito, coitado, organizando a barreira: mais para o lado, mais para o lado!

Em seguida o silêncio. Até meus olhos silenciaram. Nenhuma brisa. Nenhum vento na folhagem. Nada.

Nosso atacante aproxima-se da borda desse silêncio. Quer sair dele, parece. Quer sair de dentro desse tudo em suspensão.

Dessa torcida esforçada, que tenta gritar alguma coisa, mas não conseque.

Desse estímulo que não chega, desse amor crispado que se imobiliza.

Só me lembro que alguém na barreira fez um leve movimento, na tentativa de proteger os seus haveres, acho.

E em seguida meus olhos voaram, presos para sempre no destino da hola.

Não a barba. Nessa hora, barba não dá, pois ali, parado no ar, com pés de vento, suspenso no tempo de um chute a gol, não, não dá para afiar a navalha e fazer a barba, mesmo porque barba ainda não há!

É um instante só, entendeu? Um instante em que a bola rola no ar e vem pelo alto, você prepara o pulo exato e, pedalando, voa. Sim, você voa. Flutua. Plana. Por um segundo só, nada mais, mas você plana, com miragens de gol, de ânsia e de fé na chuteira ilusória.

E neste átimo (não mais), tudo depende de você.

De lembranças antigas que querem te distrair.

Daquela calça azulada, de que tanto gostava,
a comprida que eu tinha, puída, troca essa calça, menino,
mas você não trocava. Que fim deu aquela calça?

Do canivete de duas lâminas que seu pai trouxe de uma viagem comprida a Goiás. Seu pai brincava: "Vinha pra casa com doce de leite gostoso de Uberaba, escorreguei na ponte, o pacote do presente caiu n'água, mas, por sorte, consegui salvar o seu canivete". E aquela vez em que você chegou e Lena te esperava? E você disse: Ah, Lena se soubesse que me esperava, se soubesse que me esperava durante... ah, espera, Lena, é a esfera que vem pelo alto, de outro tempo, de outra era, e eu, nesse salto, tenho um só segundo e um só argumento.

Você salta e no salto já nem sabe onde está a calça azulada nem o canivete de lâmina afiada. E é com pesar, dor e pena, que vê pela estrada se afastar Lena. E sempre solto no ar, você acena, para que a bola componha a cena, e com ela você entra no gol, pois voar nos alegra, você esquece tudo, o canivete, a calça, mas jamais consegue esquecer Lena.

Thas on três Coisas



Lena, a nossa capitã, pelo alto, era uma águia, por baixo, uma ceifadeira, e no coração, uma fêmea.

Me desculpa, nem sei mais o jeito certo de falar sobre ela, jogadora, atriz de um sonho que se sonha em outra esfera.

Está tudo mudado, hoje: As palavras esvoaçam, tontas, gostariam de ser espontâneas, mas embatucadas, esperam.

# luel Odu

## e duelo e d



Aquele é o meu quarto, meu canto, meu pouso e meu aconchego. Meu sonho, meu eu, meu sossego, meu invólucro, meu riso, meu ciso, razão, erro, fogo e brasas.

E eu aqui, no ar, sem ter asas!

## ASAS ABERTAS

Como um albatroz, não me sinto bem em terra firme.

### • QUE PERFEITO

A vida mais que perfeita
nas coisas simples.
Um abajur,
onde se pendura uma meia para secar,
a toalha junto dos sapatos,
eu sei, e daí?
A tevê ligada
e eu nem aí nem aqui.
Imaginem que estou bem longe,
bem longe das coisas passadas.
A janela que enquadra a paisagem,
as janelas, quero muitas janelas,
que me enquadrem, aviões no céu escrevendo seu nome,
e essa harmonia feroz que trago dentro de mim!

#### 53

## LEGIONÁRIO DE AUTOESTRADA

Quando chego em casa, zonzo, abro a porta, lá está meu pai para um sermão.

De improviso, tapo os ouvidos. Ele insiste.

Corro, escondo-me debaixo das almofadas ou atrás dos vasos de begônia de mamãe.

Qual o quê! Não adianta, sua voz me persegue, vê, entrou no meu labirinto auricular e estronda na bigorna, cada palavra um flash, um estouro de fogos, um dicionário em festa, um caminhão sem freio na lombada.

E se levanto, papai me cerca,

lança-me frases como um legionário romano no Coliseu lança redes, prende minhas mãos com um verbo, me sufoca com substantivos raros, me derruba com um pretérito perfeito e um aposto compadecido, minha nossa, quem me salva dessa, minha mãe, ah, mãezinha, não, não, ela vem ajudar papai, arremessando-me na testa um verso de rima rica, riquíssima.

Não foge que é pior, ela diz, como um goleiro de braços abertos, mas eu fujo, sim, eu fujo, há anos sou telespectador do cinema hollywoodiano, viro, reviro e me contorço, me desvencilho da semântica e do sermão e, quando me dou conta, estou sozinho no beiral da sintaxe, pronto para o pulo, a cabeça, um turbilhão, os olhos saudosos de tudo o que amo, e meu pai insiste, podemos ter uma conversinha durante a queda? Voz chorosa, luz dos carros lá embaixo, eles me acenam e me chamam. É o meu fim, grito, sou um legionário de autoestrada, morituri mortui,

Aníbal e os elefantes, os lipídios e os glicídios, Einstein, Delenda Carthago, saudades suas...

Então acordo, abro os olhos, e vejo meu pai ao meu lado. Você está bem? Estava tendo um pesadelo? Estamos preocupados com você, menino!



## Depois do

Que nem submarino, fecho os olhos e afundo.

Percorro o fundo do mar, desviando de peixes, lulas, algas aflitas, e do tridente de Netuno.

De longe, de muito longe, ouço uma voz: Quem é que vai lavar louça?

Eu nem escuto. Eu, hein, como escutar, aqui do fundo?

Pois sempre, depois do almoço, sou submarino: fecho escotilhas e afundo. Ç

G

a

6

55

Até os passarinhos, voando, nos admiravam.

O lago criava marolas, no esforço de nos enxergar.

E oferecia-nos a água que já nos pertencia.

#### Meu ponto de vista

Ontem tive uma queda de braço com meu pai, na guina da mesa, eu de um lado, ele, do outro, sem jogo sujo e sem desfeitas, estendemos os braços, de veias bem marcadas, músculos tensos do homem que agora sou, os de papai, também, de homem, mas com lampejos de minha mãe nos olhos empoçados (eu dormia guando se foi, ao sentir no rosto o rocar de seu xale) e dobrei meu pai, devagarzinho, sem plateia, sem juiz, e ele, conformado, sabia que seria assim, um dia. De repente me comovi, me lembrando de anos antes, na frente de casa... Alguém me atacou e papai veio correndo para me salvar. Onde você estava, perguntei, nunca está por perto quando eu preciso. Sempre estou, disse ele, tremendo, em sua explicação patética, já tem os cabelos brancos, me dei conta, e ele sorriu, até que seu pulso trêmulo tocou o tampo da mesa. Ganhei, ganhou, reconheceu a derrota, e me bateu no ombro, assim, como bons companheiros.



Essas nuvens brancas cujas franjas descem para tocar o morro, são como minha mãe que se inclina por sobre o berço, com a franja dos dedos me tocando o rosto.

### AGORA QUE NÃO ESTOU SÓ

Agora que você se foi, tudo parece anormal, o despertador entra em transe de manhã e se bate contra a parede, e saio às pressas entre garatujas sonoras, no almoço, faz falta o tempero dos risos e das querelas; de minha irmã, uma falta terrível! De que me servem as implicâncias? As roupas afinal não se lavam por si mesmas e a vassoura se nega ao trabalho sozinha.

Um ritual sempre à minha espera: fogo, panela, comida, tigela; tenho pesadelos nas aulas, perco a direção: ainda não sei bem quando frear, quando acelerar, e fazer nascer o sol se tiver vontade.

## Achava que conhecia

Eu achava que conhecia.

Ou melhor, achava que achava que conhecia.

Tinha conhecimento, digo.

#### Começo de novo:

Nessa época, eu achava que achava que achava que achava que achava que conhecia.

#### O quê?

Não importa o quê. Conhecimento do mundo, de quem conhece, prova e mostra. Porque a vida muda, adquire outras formas, sortilégios, um ou muitos de cada vez.

Eu achava que conhecia a vida.

Sim, a vida como ela é, ou seja, movimento, ação, reação, ternura, câmbio, essas coisas, em que tudo muda e nada é... aceleração, em suma. Sim, nessa época eu achava que conhecia.

60

## Avida

Naquela época eu imaginava que a vida fosse monocórdica.

Cedo me dei conta do engano: a vida sempre foi polifônica.

Sobre uma Terra redonda, quase pera, um pluriverso de mistérios.

A prova? Ali, na minha frente.

Diante de Lena fiquei cheio de dedos.

No mínimo, cinco em cada mão.

#### JANELA COM LANGRECURIS

A janela é a mesma, de cedro, aberta sobre o rio, como se quisesse bebê-lo. "Pra Arzelina vigiar a distância", dizia vovô. Dizem que o verde descascou, dizem que o verde enlouqueceu, e que tudo mudou.



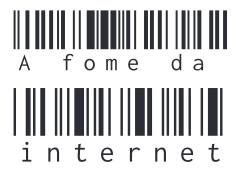
Sobre nossas cabeças, o brilho duro de mil estrelas.

SELOS

Muros de ardósia sobre os morros são bons selos, cartas que o passado nos envia.
Por carteiro, a cotovia, que anuncia, ao dar as cartas, que os muros sobre os morros são bons selos.

64





O prato preferido da internet são selos ao molho digital.

Adora coleções antigas, do "olho de boi" ao "pássaro dodô", das Ilhas Maurício.

Na falta deles se desespera e devora envelopes, carimbos, cartas registradas ou não.

E no fim, satisfeito, em vez de acertar o que comeu, envia-te uma fatura eletrônica com código de barras.



- Oh Dora, oh Dora,onde é que você mora?Em um sítio, na montanhacom janelas digitais.
- Oh Dora, oh Dora,o que é que você faz?Eu me balanço, deitada,em uma rede banda larga.
- Dora, oh Dora,o que faz com o cursor?Eu salvo os teus arquivosno meu computador.

## **ESCARCÉU**

Um clique duplo no lugar exato cria um escarcéu de estrelas.



Vem, amor, mata essa minha fome de chips, de vips, de bips e de bytes.

Mata essa minha fome de ais.

### MENSAGEM

Envio mensagens pelo e-mail e me respondes inteira: interativa, super ativa, superativa.

## COMPUTADO MENDE LA COMPUTADO MANOR LA COMPUTADO MANOR LA COMPUTADO DE LA COMPU

Havia um computador à lenha no Panamá que era muito lerdo, ia bem devagar, levava dias para somar dois e dois ou dizia: não sei, somo depois, terrível o computador, esse, do Panamá.

# Havia um computador em Nova Esperança

Havia um computador em Nova Esperança que em vez de memória tinha vaga lembrança. Nunca vi um tão esquecido, tão tonto, aéreo, perdido, computador tri sonso, esse, de Nova Esperança.

#### DEMOCRATIZAÇÃO da intimidade

Que isso, Dora? Mais devagar, meu bem. Achei a foto o máximo! Bela, atraente etc. e tal, Photoshop ou original?

Que isso, Dora? Mais devagar, meu bem, a fúria de ser, de não ser, em versos reversos de "A" até "B"?

Que isso, Dora? Mais devagar, meu bem. A íntima praça aos olhos do público e de mais ninguém?

Que isso, Dora? Mais devagar, meu bem. 73

E le gân cia

Na tela do monitor, o hipertexto avança: Que elegância!

Tenho pena dessas mensagens que se perdem pelo caminho e nunca chegam ao destino.

Por causa de um engano, por causa de um comando malsucedido.

#### Palavras ae amor

Se te chamo, baby, você nem liga:

Apaga meus textos, apaga meus traços, apaga meus cachos e meus fachos de amor.

Se te chamo, baby, você me liga:

Acende meus textos, acende meus beijos, acende meus passos em laços de amor.

Se te chamo, baby, você me intriga:

Apaga meus textos, apaga meus medos, apaga meus fachos, em cachos de amor.

#### Mensagem inesperada

Toc, toc, toc

Por favor, fala, fala comigo! Me dá um sinal de que estou vivo!

Toc, toc, toc

Por favor, fala, fala comigo! Me dá um sinal de que estou vivo!

Toc, toc, toc

Por favor, fala, fala comigo! Me dá um sinal de que estou vivo!



Você me acha, me desloca, me situa, me sufoca, e eu me reponho, com minha boca, na sua boca.

#### CONVERSA SÉRIA

Tive uma conversa com meu irmão e disse a ele, de improviso, que a vida também existe do lado de fora do celular.

Ele deu de ombros. No momento, sentia-se em perigo, atacado pelo inimigo das forças do bem.

Entre um golpe baixo e outro, disse: "Quando crescer, criarei uma história incrível, com uma nova técnica de matar".

Neste instante, ouvimos toc, toc, toc, vindo do meu quarto. Reajo, plof, com o comando, boto porta afora o indesejável de Alepo.

Vinícius – é o nome de meu irmão – irrita-se: Se insiste tanto é porque deve estar em perigo, diz ele, na sua lógica de Mortal Kombat.

Para começar, respondo, amigo meu nunca foi; segundo, estranhos não entram no meu quarto; e terceiro, tenho muitas coisas para fazer.

Mas meu irmão é afoito ao extremo, nativo digital de 2007, ano em que surgiu Google Street View e também o Facebook do Brasil.

Visto de muito perto, tudo é estranho, diz ele, e sua afirmação me desconcerta, pela aflição que aflora no seu olhar.



### ONDE SE METEU Dora?

Onde se meteu Dora? Ainda ontem estava aqui. Lagarteava debaixo desse sol digital do monitor. Onde Dora se meteu agora?

Foi hackeada? Sofreu assédio? Bloqueada? Teve fotos divulgadas? Por certo, encontra-se em situação difícil.

Cuidado, Dora, cuidado! Nessa rede, evite ser pescada.



Você some e eu desligo, sinto pontadas queimo arquivos, e lá está você, regando as flores dos meus sentidos.

Ora, baby, não me leve a mal, não acredito nem um pouco nesse nosso jardim virtual.

### Quando

Quando você me clica, quando você me conecta, me liga, quando entra nos meus programas, nas minhas janelas, quando você me acende, me printa, me encompassa me sublinha, me funde e me tria:

Meus caracteres esvoaçam, meus parágrafos se acendem, meus capítulos se reagrupam, meus títulos se põem maiúsculos, e meu coração fica aceso!

#### Saiba

Meu amor por ti tem 30 gigabytes, no mínimo. Nele cabem a Bíblia, o Kama Sutra, e cabe também teu semblante em ponto de fuga.

#### PARA SEU DUVEKNU

Não há mundo do lado de dentro, nem há mundo do lado de fora. Existe apenas, Dora, jogo de espelhos.



Viro, reviro, me atiro, tomo vacina, aspirina, estricnina, sigo minha sina saio de viagem, saio de voragem, faço bobagem.

Teu amor tem bit selvagem.

### ATENÇÂS

Essa operação apagará num lance de dados o teu destino.

Atenção!

Essa operação apagará

um lance, os dados, e teu destino.

Os dados de teu destino. Todos os da... Todos os

Todos To

.

#### O velório

Abri um arquivo, perdi um sorriso.

Cliquei uma nuvem, ganhei um vestido.

Escrevi uma carta, mandei pro umbigo.

Apaguei meu destino, de louco varrido.

Escrevi num jornal, com cores de lírios.

Fechei a janela, tranquei com atilhos.

Embalei minha alma com o canto dos grilos.

\*\*\*\*

Começam os velórios dos meus diretórios.

88



89



Assina Vânia, mas é Maria; ou melhor, Glória. Ou Bia?

Apresenta-se como Ulisses, mas desconhece Penélope.

Com pança de Sancho Pança, diz que seu nome é Quixote.

Insiste que é anjo da guarda, mas esquece o rabo de fora.

Comporta-se como duque, logo ele, um caxias.

Diz que é Madre Tereza, mas rouba a sopa dos pobres.

E se proclama Sansão, com sua voz de Dalila.

Fala que é Madonna e é, sim, ela mesmo: Madonna!





Nas janelas de teu corpo bebo água no degelo.

Abro o livro de teu sexo escrito em braile, quero lê-lo.

Em voo cego, no hipertexto, entro em rede a contrapelo.



Surfa o texto de meu corpo e o sentido de meus nexos.

Sarça ardente, luz, incêndio, lusco-fusco, de repente,

feche os olhos, se liberte, boca a boca, internet,

eu e você, ciberparceiro!

#### ANALISTA DE SISTEMAS

"Doutor, emperrei meu sistema: acordo de noite com falta de ar, vago sem rumo, de arquivo em arquivo, o senhor sabe, é a velha história, traumas diluídos na memória."

"Análise virtual?"

"Terapia individual."

"Vaga no grupo Internet."

"Em rede, via satélite?"

"Se for em terceira dimensão."

"Comecemos pois a sessão."

"Um clique no id, outro no ego, um clique também no superego."

"Não sei se estou morto, doutor, e não sei se estou vivo. Busco no meu diretório onde arquivei meu arquivo." Me perloc

Peço que perdoe esse meu coração que não se conecta em rede, triste, sem água, sem viço, sem mapa astral, esse meu amor que entrega os pontos, faz remendos, cai no poço, foge do brete e de repente, querido, me manda rosas pela Internet.



E como poderei estar, meu Deus, nos lugares onde nunca estarei?

#### CAÍRAM SOBRE Dora

Caíram sobre Dora como uma matilha, com carros de assalto e carrinhos de pilha.

Caíram sobre Dora como uma manada, a boca bem cheia de água estagnada.

Caíram sobre Dora como uma alcateia, com meias-palavras, sem sangue nas veias.

Caíram sobre Dora como erva daninha de cócoras, deitada, quebrada a espinha.

Caíram sobre Dora como uma quadrilha, xingaram seus pais insultaram a família.

Contra ela mandaram toda uma tropa, além dos cavalos, os corvos e as orcas.

94



Tu não me conheces, mas eu te conheço, menina! Eu vou te torcer, eu vou te quebrar, te vejo bem agora, pois sei onde moras, já estamos saindo pra te encontrar!



Primeiro exibiram seu corpo, depois rabiscaram sua honra, em seguida, alardearam seus medos e fotografaram suas sombras.

Expuseram seus traumas, quebraram seus pulsos, suas mãos, e deixaram suas vísceras espalhadas no chão.

No fim a puseram do avesso e disseram: fim da linha! Isso é só o começo, vamos destruí-la, galinha!



Logo veio a reação #somostodosDora

Professores e estudantes #somostodosDora

Pais, mães, filhas, filhos #somostodosDora

No palco, na sala, no ônibus #somostodosDora

Na rodovia, em um caminhão #somostodosDora

No confessionário, a confissão #somostodosDora

Na sinagoga, o rabino pede atenção #somostodosDora

Sim, todos, a qualquer hora #somostodosDora

### تے چہنٰدنقہ طقہ چہۋٰد۷نقہ

Verdade, meu irmão se transformou, agora estuda países, continentes. Abre o Google mapas, a qualquer hora: Achei que a Síria ficasse na Sérvia, diz, clicando em algum lugar da Europa.

Verdade, meu irmão se transformou. Me preocupei: deixou os videogames? Não deixei, fiz apenas uma pausa, diz ele, fleumático, como um lorde inglês que, empertigado, se afasta.

#### لةucur

Meu pai, Vinícius e eu, sentados na sala, esperamos tia Amália.

De repente, um raio estala em céu sereno:

Amanhã, bem cedo, diz meu irmão, patético, a Síria vai invadir Berlim: já se enchem as estradas com refugiados de Alepo!

Olho para ele, perplexo. Com desalento, ai de mim, meu irmão pirou de vez.

Como se um ataque de um Cérbero, do jogo de videogame, a priori estraçalhasse seu cérebro.



Acorda de noite, fala sozinho ou cochicha, de mansinho com seus fantasmas.

Onde você está agora? Não desiste. Logo passa o perigo! Até mais, desligo!

Outras vezes, três ou quatro da manhã, ele, na sala,

avermelha, e com desculpas requentadas, explica:

Minha colega... não sei o que se passa com ela. Esqueceu o nome da capital da Austrália, Camberra.



Meu tradutor viva voz me faz passar por cretino.

Traduz pedra por Pedro, gagueja, tapa o ouvido.

Acha que correio expresso é um correio Expedito.

Ouve conversa do Dênis e diz conversa do pênis.

Já nem sei mais o que faço, meu corretor é palhaço.



Eu viajo na rede de noite e de dia, perdi os meus pais e as verdes olivas.

Eu viajo na rede na noite tão fria, às vezes com medo aqui na Turquia.

Eu viajo na rede no norte da Grécia, uma réstia de luz do dia que resta. Eu viajo na rede pela Macedônia, faz frio no campo e morro de insônia.

Eu viajo na rede sem mapa e sem guia: acabo enredado e deixo a Hungria.

Eu viajo na rede sem passe de mágica: vários dias levamos atravessando a Áustria.

Obrigado, Vinícius, muito obrigado, cheguei a Berlim, um grande abraço.

#### NENSAGEM DE BERLIM

Agradeço aos novos amigos, compadecidos, pelos créditos que recebi para o meu celular.

Sei bem, eu corria perigo, e me descobri de repente tão perto e no meu lugar.

### extensões

O meu quarto se amplia, na elástica geografia.

Na janela vejo a Tereza em sua casa de Fortaleza.

Abro um livro e já me acena Dominique, de Barbacena.

Me levanto, ah, é o Teo, de algum lugar, em Montevidéu.

Me viro como um demiurgo, olá, Kátia, São Petersburgo.

À janela, já chega Anabela que me acena da Inglaterra.

E minha vizinha da Austrália fecha a porta no Himalaia.

#### Quilombola

Que campanha é essa, Vinícius, em que se meteu agora? É um financiamento coletivo da causa quilombola.

O que é quilombola, Vinícius?

Ele não pode responder. Está em audioconferência com o pessoal de Brasília, devido a outra ocorrência.

O que é quilombola, Vinícius?

Só então Vinícius se volta: Não suporto tanto ódio! Para o nosso mundo doente, estimo sempre melhoras.

O que é quilombola, Vinícius?

# Jogos, flashes, luzes, bangues,

Jogos, flashes, luzes, bangue o tempo se acelera, e o espaço se contrai, a distância mora ao lado, ela é o novo vizinho, sirvamos-lhe um cafezinho, Tóquio, Manhattan, Xangai, Moscou e Katmandu, ciberchegados que partem pra Luanda e Tombuctu, estamos no fim do mundo com bits e bytes nas mãos, vagarilhos, vagamundos, dessa cibercivilização.

Tempo, cometa esperto, flor do sídero deserto.

A lua no céu desponta que nem um lustre polar preto e branco, bons e maus, vai, tempo, rechina, avança, pelo espaço sideral: o carro deste milênio dá seus cavalos de pau. Meu deus, que medo tenho desses espaços ignotos, velas estufadas de bits, com meus sapatos tão rotos.

Tempo, cometa esperto, flor do sídero deserto.

Acabam-se as metafísicas ao bater do meio-dia: os astros confabulam, escavando filosofias: onde está o fio da meada? onde está o fio que desfia? E a história? E a utopia? ricocheteiam questões no muro do fim do milênio, no muro do fim de Berlim, no muro do fim do fim, e já surge um novo arremesso com o muro do fim do começo.

tempo,



Tempo, cometa esperto, flor do sídero deserto.

Terra, cometa ventríloguo, enfeitas as curvas do epílogo? Um pouco de tempo, senhores, chegaremos ao fim do mundo, um pouco de tempo, senhores? Fora do tempo e do espaço, ciberânsias, cibervômitos, ciberdor que ciberdói. amor, eu não sei se te amo, ou se te amo demais. cavalguemos, cavalguemos pelas pradarias celestiais, ciberchegamos, ciberamemos ciberagora ou nunca mais.

Sider

Lempo. cometa esperto





# Sobre o autor, a obra e o gênero literário

Por Kátia Chiaradia e Marcella Abboud<sup>1</sup>

### Carta ao jovem leitor

Olá leitora, olá leitor,

Esperamos que você tenha gostado da leitura desta obra literária e que ela tenha sido importante para a sua vivência. Afinal, é comum nos questionarmos: para que serve a literatura? Você já se perguntou isso?

Numa vida como a que temos vivido, utilitarista e veloz, as artes – dentre elas a literatura – às vezes passam despercebidas na grandeza da sua importância por não terem como produto final algo que a gente possa contabilizar. E mais que isso: na correria do cotidiano, o processo de leitura depende de tempo e atenção, de maneira que nossos olhos, tão acostumados à velocidade das redes sociais, se esquecem como fazer.

Podemos dizer que um texto **literário** tem um diferencial em relação a todos os outros, mesmo aqueles que parecem mais úteis no dia a dia: ele é **plurissignificativo**. Isso quer dizer que não existe – nem jamais existirá – uma única maneira de interpretá-lo. Quando lemos e estudamos uma obra literária, movimentamos e demandamos uma análise crítica desse texto e acerca dele,

Marcella Abboud é licenciada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária (na área de Teoria e Crítica Literária) pela UNICAMP. É professora de Ensino Médio, autora de material pedagógico de literatura e escritora. Com o pseudônimo de Marcella Rosa, publicou *Jogadas na rede* (Letramento, 2020), entre outros.

<sup>1</sup> Kátia Chiaradia é licenciada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária (na área de Teoria e Crítica Literária) pela UNICAMP. É pesquisadora de Pós-Doutorado na UERJ, onde estuda a BNCC e o campo de atuação artístico-literário, e autora de material pedagógico de literatura.

do contexto de sua produção até o de sua recepção. Afinal, cada época e cada lugar em que o humano se fez presente teceu sua própria trama de interpretações acerca de um texto (ou de qualquer produção artística), do mundo e de si mesmo.

Sabe o poder disso? Convidar você para construir um significado para essa história, que transforme também o seu modo de ver e de estar no mundo, isso é uma experiência sem igual. Sendo assim, para nós, ler uma obra de literatura consiste também em posicioná-la em uma rede de referências, literárias ou não, de nosso tempo e de outros tempos.

Por isso, nas páginas desse material, você lerá muitos aspectos que organizamos sobre o texto e sobre o contexto do livro que acabou de ler, para que, por meio da sua leitura, possa se conectar a outras leituras e a outras pessoas, lendo também as realidades que fazem sentido a você. E, nesse percurso, você também estará nos dizendo um pouco sobre o que é literatura hoje e para você.

Desejamos uma boa experiência leitora!

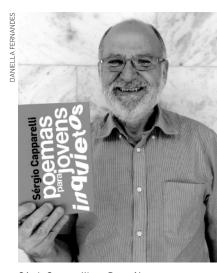
### O autor

Sérgio Capparelli nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, morou em várias cidades brasileiras: Goiânia, Curitiba e finalmente Porto Alegre, onde cursou jornalismo na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS). Como jornalista, trabalhou nos jornais *Zero Hora* e *Folha da Manhã*.

Sua carreira acadêmica continuou e em 1972, durante uma estada em Paris, França, iniciou o doutorado em ciências da informação na Universidade de Paris II, dedicando-se ao estudo da televisão brasileira. Também morou em Munique, Alemanha, onde publicou a novela *Favela S.A.*, em 1973.

Seu primeiro livro, de 1979, Os meninos da Rua da Praia, foi dedicado ao universo infantojuvenil, ao mesmo tempo que inicia a carreira de professor no curso de jornalismo da Pontifícia Universidade



Sérgio Capparelli, em Porto Alegre

Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e da UFRGS.

Recebeu, em 1983, o Prêmio Jabuti em ciências humanas pelo ensaio "Televisão e capitalismo no Brasil" e hoje conta com mais de trinta livros publicados. Capparelli já viveu em Beijing, na China, trabalhando na Xinhua News Agency, e atualmente mora na Itália, em San Vito al Tagliamento.

Adaptou e traduziu, do chinês para o português, em parceria com Márcia Schmaltz, o livro 50 fábulas da China fabulosa, publicado pela editora L&PM. Recebeu cinco vezes o Prêmio Jabuti – a primeira delas com o ensaio sobre a televisão brasileira citado acima e quatro vezes com livros infantojuvenis. Várias de suas obras voltadas para o público infantil receberam o Selo de Ouro e indicação de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

"O leitor perceberá durante a leitura que a inquietude começa bem antes." Sérgio Capparelli

Poemas para jovens inquietos, de Sérgio Capparelli, é dividido em quatro partes: "Apenas o começo"; "Os Mequetrefes contra os Cheirosos"; "Duelo" e "Para o seu governo". Essa divisão da obra em quatro partes mostra que, embora tenham temáticas pouco relacionadas diretamente, estão costuradas por um eu lírico (denominado, na apresentação feita pelo autor, como "narrador fantasmagórico") que predomina na maior parte dos poemas e que amadurece a poesia, tanto em complexidade estética quanto temática, conforme o livro avança. A impressão que temos, enquanto lemos a obra, é que acompanhamos a transição da infância à adolescência e da adolescência à vida adulta, observando a perda da inocência e da puerilidade, que acaba sendo substituída pela descoberta da sexualidade e da violência.

Neste livro, o projeto gráfico do texto foi realizado pela designer e professora do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Ana Gruszynski, que já trabalhou com Capparelli em outros títulos, como em 111 poemas para crianças, ilustrado por ela. O grafismo de Poemas para jovens inquietos interage com os poemas, a começar pelas cores utilizadas, preto, branco e tons de cinza. Assim também as fontes nos títulos em tamanhos e formatos diversos remetem ao tema de cada poema traduzido pela arte gráfica. Desse modo, cada título "conversa" com o poema e o complementa.

## 1. "Apenas o começo"

A primeira parte do livro é composta por 21 poemas cuja temática envolve um amor não correspondido e o sentimento de exasperação que acomete o eu lírico diante disso. Os poemas apresentam o amor, a paixão de adolescente, o cotidiano que envolve passeios com amigos, a expectativa de encontrar Mariana,

116

chamar sua atenção na excursão da escola, presenteá-la com bombons, bilhetes nas paredes. No entanto, a realização desse amor esbarra na própria Mariana, que não nota todos os esforços do eu lírico. Esses poemas são escritos com poucas palavras, carregadas de poesia, e a imagem é a de um eu lírico apaixonado, um jovem vivenciando fortes e contraditórias emoções.

"Folhas de plátano" (p. 23) é um poema bastante representativo desse grupo. Nele, pode-se observar a descrição de uma cena de inverno marcada pelo título, pelo vento, pelos agasalhos, e pelo chocolate quente – bebida típica dessa época do ano, em especial para jovens. Alguns amigos estão no Café do Espanhol, e Mariana está "em mimos" com Alfredo, o que despedaça o coração do eu lírico: o chocolate desce como "chumbo quente", ferindo-o fortemente.

Imaginar cenas de cinema para atrair a atenção de Mariana seria a saída encontrada pelo eu lírico, no entanto, ela ri para Alfredo e a tristeza "empoça e congela", assim como o inverno lá fora do Café.

O amor, nessa primeira parte, é inocente como o eu lírico. Essa inocência pode-se observar no poema "Se os hibiscos" (p. 34), no qual a conjunção "se" apresenta várias situações que, se acontecessem, apesar de improváveis, "o teu peito para sempre eu escolheria por morada", o que concretizaria o amor.

Entretanto, na maioria das vezes, o eu lírico é um "boi sonso", que observa sem agir e, quando age, como no poema "Eu e os bombons" (p. 29), no qual ele carrega uma caixa de bombons para Mariana, mas ela não passa no local em que ele a espera.<sup>2</sup> O boi sonso fica sem ação diante de Mariana, ou está "mugindo numa canga de dor"; ou "mugindo como criança". Depois, adverte a si mesmo de que deve "pastar em outro pasto"; a reação está dentro dele, mas Mariana não está interessada em despertá-la.

Também podemos ler figura do boi em um sentido intertextual, com outro poeta: o mineiro Carlos Drummond de Andrade.

<sup>2</sup> Há um ditado popular que diz: "O boi sonso é o que derruba a cerca", o que costuma ser interpretado pelos usuários da sentença como algo correlato a "a reação vem de onde menos se espera".

O poema "O boi" setá na obra *José* (1942), seu quarto livro de poesia.

### **0 B0I**

Ó solidão do boi no campo, Ó solidão do homem na rua! Entre cartas, trens, telefones, Entre gritos, o ermo profundo.

[...]

Ó solidão do boi no campo!
O navio-fantasma passa
Em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

Nesse poema, a "solidão do boi no campo" é invocada e reafirmada a cada estrofe, por oposição ao ruído, ao movimento e à multidão da cidade para, na última estrofe, um "Se" trazer a possibilidade de "uma tempestade de amor", que não virá, pois "o tempo é firme". Assim como o boi sonso de Capparelli, que também depende de um "Se" para estar com Mariana, a solidão é comum aos dois textos que invocam a figura reclusa desse animal.

### 2. "Os Mequetrefes contra os Cheirosos"

A segunda parte de *Poemas para jovens inquietos* traz a emoção do futebol dos Mequetrefes contra os Cheirosos. São doze poemas sobre a meninice em uma fase de mudanças, quando os jogos de futebol com os colegas ainda são muito importantes: cada lance, cada gol fica "gravado no bico da chuteira". Na qual não é possível afiar a navalha e fazer a barba, "porque barba não há": uma metáfora da puberdade, que antecede a presença de elementos corporais adultos nos meninos jogadores.

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. José. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Serve de exemplo o poema "Passes" (p. 42), que traz a emoção dos jogos como uma boa recordação, como a metáfora de uma das fases da vida em que o eu lírico, hoje, percebe como o começo de tudo. Nos versos "Trago no bico da chuteira, / como se em um espelho do que fui,", a figura de linguagem de comparação relaciona o bico da chuteira ao espelho como uma metáfora para a juventude e as ações do passado.

Mequetrefe não é um adjetivo muito usado hoje em dia, mas, pela oposição a "cheirosos", percebe-se que não parece um elogio. Seu significado é de pessoa sem importância e intrometida. Em se tratando de uma disputa em jogo de futebol, parece que um dos times está bem equipado e o outro nem tanto, pois os meninos são chamados de "Tênis-Furado", o que logo os associa a *mequetrefes*.

O duelo Bem X Mal faz parte do imaginário popular e, apesar de o calçado não definir quem ganhará uma partida de futebol, a garra dos Mequetrefes faz o leitor torcer por eles para que vençam o jogo. Nesse momento, eles assumem a personificação do Bem. Os Cheirosos, por sua vez, estão de "olhos pretos" e "pires na mão", tentando enganar os Mequetrefes para vencer o jogo, pedindo esmola. Mas a reviravolta vem nos últimos instantes, quando já estão "com as calças na mão". Quem vencerá o jogo? Como será a comemoração? Todos estão com ganas de vencer.

No Sul do Brasil, onde o autor viveu grande parte de sua vida, no inverno, o gramado fica coberto de geada pela manhã que só derrete com o sol alto. A temperatura é baixa, e o vento cortante ajuda a aumentar a sensação de frio. Jogar bola usando tênis furado numa situação como essa não deve ser agradável, mas quem gosta de jogar conhece a vontade de vencer um jogo bem disputado, então joga-se com o material que estiver disponível.

Os primeiros poemas da segunda parte falam do jogo, focam na disputadíssima partida, e os lances são narrados com muita emoção. Já no penúltimo poema, "Duas ou três coisas" (p. 45), aparece a figura de Lena, que não quer esperar. O lance é decisivo para o eu lírico, que esquece tudo e foca na jogada; no entanto, Lena é inesquecível. No poema seguinte (p. 47), "Lena" é título, é "jogadora e atriz de um sonho de outra esfera", e as palavras

embatucadas, caladas, não ajudam o eu lírico a falar sobre ela, porque há um jeito certo do qual ele já se esqueceu, as palavras somente esperam. Os verbos no passado confirmam que Lena é inesquecível e especial para o eu lírico.

### **3.** "Duelo"

Composta por catorze poemas, **a terceira parte** apresenta a inquietação do eu lírico na transição entre a adolescência e a idade adulta. A família está presente na figura paterna, na mãe um pouco distante e mais ligada ao universo infantil do berço, a irmã que habita o mesmo teto e até o avô e a avó, que fazem parte de um passado distante. Há ali a consciência do eu lírico de estar crescendo e se tornando tão forte e tão grande quanto o pai, que passa a ganhar cabelos brancos.

O poema "Asas abertas" (p. 51) é bastante significativo para esse sentimento. Traz a figura do albatroz, uma ave que faz parte do grupo das maiores aves marinhas migratórias. Essas aves estabelecem relações monogâmicas entre macho e fêmea que duram até o fim da vida e passam a maior parte do tempo voando ou pousando sobre a água do oceano aberto, buscando alimento. Visitam costas ou ilhas apenas para se reproduzir e cuidar do filhote.

Nesse poema, o poeta aproveita as características do albatroz e faz uma comparação com o sentimento do eu lírico, que se sente inadequado no mundo onde vive. Esse uso peculiar das palavras insere esse texto no gênero poema, parte do gênero literário.

A comparação se dá pois essas aves são magníficas no ar ou no mar, mas, apesar de elas terem patas particularmente fortes, em terra caminham com dificuldade e acabam tendo problemas para pousar, porque fazem seus ninhos em áreas muito povoadas por outras aves. Para comparar, deve-se ter em mente que os voos humanos ocorrem na imaginação e em sonhos, assim como se passa com o eu lírico nesse poema.

Em "Asas abertas" (p. 51), até a disposição gráfica do texto traz a "terra firme" deslocada da linha dos demais versos. É um poema representativo dessa parte do livro e, por conseguinte, representativo do gênero literário como todos os demais poemas.

É também na terceira parte do livro *Poema para jovens inquietos* que podemos encontrar a citação de termos em latim e a referência à antiguidade clássica. No poema "Legionário de autoestrada" (p. 53), o eu lírico chega zonzo em casa e seu pai o recebe com um sermão. O eu lírico é atacado com... palavras! Todo um dicionário delas. O pai lança frases, verbos, substantivos raros, aposto, e quando ele acha que será salvo por sua mãezinha, ela está ao lado do papai e arremessa um verso de rima rica. Parece um pesadelo.

Assim como os antigos soldados romanos, que eram chamados de legionários por pertencerem a uma das legiões romanas, também o eu lírico é um soldado nesse poema: ele se defende, se esquiva, se esconde, como um artista de filmes de ação de Hollywood aos quais ele assiste.

Nos poemas dessa parte do livro, percebe-se a inquietação do eu lírico. Há momentos de tranquilidade, como nos poemas "Depois do almoço" (p. 55), "Água" (p. 56), "Um vulto" (p. 58), e outros de agitação, como "+ Que Perfeito" (p. 52) e "Legionário de autoestrada" (p. 53). Há também aqueles momentos de transição, como em "Meu ponto de vista" (p. 57), em que o eu lírico percebe seu crescimento pessoal ao se comparar com o pai. O poema "Achava que conhecia" (p. 60) também é um exemplo de constatação de mudança do eu lírico, assim como "A vida" (p. 61), em que Lena novamente é mencionada e perto de quem o eu lírico fica "cheio de dedos", sem saber como agir. O "duelo" do título fica marcado entre a memória de quem ele era e a consciência de quem ele está se tornando.

### 4. "Para o seu governo"

A quarta parte é composta por quarenta poemas que fazem uso da linguagem do mundo digital, com termos de informática e de ciberespaços, para descrever cenas cotidianas. Hoje a linguagem do mundo virtual engloba pessoas de todas as idades, mas ainda há predomínio de usuários jovens, que estão mais familiarizados com ela

São introduzidos dois novos personagens, Dora e Vinícius. Vários poemas fazem uso de jogos de palavras, o que deixa o texto intencionalmente ambíguo, acentuando a sexualidade da fase pela

qual o eu lírico está passando. Vinícius cresce aos olhos do irmão mais velho, deixa o videogame de lado e entra no mundo real/virtual geográfico, através da ferramenta *Google Street View*.

Já no primeiro poema, "A fome da internet" (p. 66), o título está intercalado por códigos de barras (um conjunto numérico e gráfico que serve para identificar, individualmente, produtos dentro de uma cadeia de suprimentos). No geral, é possível dizer que o código de barras funciona exatamente como um documento de identificação: único e sem possibilidade de modificação. Serve para identificar um produto em diversos momentos na cadeia produtiva. Nesse poema, há também o uso de termos como "internet", "digital" e "fatura eletrônica".

Os termos digitais perpassam o restante dos poemas dessa última parte do livro, a que mais investe na ambiguidade nos textos. Ambiguidade é uma figura de linguagem que ocorre quando há duplicidade intencional de sentido nas frases ou nas palavras que compõem um texto. Em textos não literários (informativos, expositivos), a ambiguidade é considerada um vício, pois a possibilidade de dupla interpretação pode causar confusão e mal-entendidos. Nos poemas, a duplicidade de sentidos é intencional e conta com o leitor para as possibilidades de interpretação, como em "Dora" (p. 67), "Escarcéu" (p. 68), "Bits" (p. 69), "Democratização da intimidade" (p. 73) e "Quando" (p. 83).

Em "Para seu governo" (p. 85), há a figura feminina de Dora, digital e sensual, envolvida com o eu lírico em um romance virtual. Ao longo dos poemas, Dora é atacada por inimigos no mundo digital. Os poemas "Caíram sobre Dora" (p. 94) e "Exposição Digital" (p. 96) tratam de como Dora foi *cancelada*, criticada, desse mundo.

Outros poemas dessa quarta parte trazem o irmão mais novo do eu lírico, Vinícius, meio criança, meio adolescente, fissurado em jogos de vídeo game. O eu lírico percebe-se como irmão mais velho, tenta orientar o mais novo, que foge como se visse no irmão a figura do pai dando sermão. Mas Vinícius deixa o videogame de lado e passa a navegar pela internet, descobrindo o mundo pelo Google Street View. Descobre a Síria e os conflitos pelos quais as pessoas de lá estão passando, como se percebe nos poemas "A Síria da Sérvia"

(p. 98), "Loucura" (p. 99), "O amigo de Alepo" (p. 102). Descobre as campanhas virtuais em "Quilombola" (p. 106) e apoia amigas em "De madrugada" (p. 100). Vinícius também está crescendo.

No conjunto, a quarta parte, apresenta o mundo digital, as relações virtuais, o eu lírico um pouco mais maduro em outra fase da adolescência, mais sexualizada, e o contraponto é feito pelo irmão mais novo Vinícius que realiza ações concretas utilizando o mundo virtual.

"Tempo esquivo" (p. 107) encerra o livro com a relação tempo/ espaço, na qual o tempo se acelera e o espaço se contrai:

Tudo está mais próximo, a um clique no computador, o mundo globalizado aproxima as pessoas. Mas o tempo se esvai rapidamente quando se navega nas ondas da web, são tantas informações, tantos hiperlinks, que é fácil perder o rumo e só navegar.

Quanto à parte técnica, o poeta usa o prefixo ciber- para formar novas palavras. No início a palavra era "cybernetic", que significa alguma coisa ou algum lugar com grande concentração de tecnologia (em português dizemos "cibernético"). A palavra foi reduzida a um prefixo, cyber, em português, "ciber" que mantém o significado original. Assim o poeta forma várias palavras novas, como "ciberchegados", "cibercivilização", "ciberânsia", "cibervômito" etc. em uma brincadeira criativa chamada de prefixação, que ocorre quando se une um prefixo a um radical ampliando o significado original.

No poema "Saiba" (p. 84), o termo "30 gigabites" remete ao universo da informática; o poema também faz referência à Bíblia, que é um livro religioso e de muitas páginas, usado aqui para acentuar o tamanho do amor; há também a referência ao Kama Sutra, um texto indiano composto de sete livros sobre o comportamento sexual humano. O Kama Sutra é considerado popularmente como um manual de prazeres sexuais e, nesse contexto, faz oposição (quase uma reação conflituosa) à Bíblia ao tratar de temas dogmaticamente profanos; já o "teu semblante" ocupa o foco de onde saem todas as perspectivas – em "ponto de fuga", unindo o sagrado e o profano, o amor espiritual e o carnal.

# O gênero

O livro de Capparelli é uma obra do gênero literário poema. Podemos dizer que, como toda obra de arte, o poema contém características que lhe são próprias: as estrofes, o verso, o som, o ritmo, e são elas que formam a unidade desse texto.

Em textos comuns, não literários, o autor seleciona e combina as palavras geralmente pela sua significação. Na elaboração de um texto poético, literário, ocorre uma outra operação, tão importante quanto a primeira: a seleção e a combinação de palavras se fazem não apenas por seus significados e imagens construídas por elas, como também pelo parentesco sonoro.

Há quem diga que o poema é a versão escrita da poesia (e pode ser que seja). Outros dizem que o poema deve seguir regras, tais como ter versos rimados e separados em estrofes. Há, ainda, quem diga que o poema tem de ser livre e ocupar um espaço na página que expresse mais do que palavras. Por fim, mas não de maneira conclusiva, há quem afirme que o poema deva compactuar com o leitor para que adquira significado.

Se fosse um teste de múltipla escolha, todas as alternativas estariam corretas: cada poeta transforma suas ideias de acordo com seus sentimentos e aquilo em que acredita. Muitos definem que o poema precisa ter a linguagem trabalhada, usar figuras de linguagem, seguir uma linha definida, porém, quando se trata de expressar sentimentos e sensações, talvez não haja regras. Melhor para o leitor, que pode apreciar vários tipos de poemas e escolher o que mais o agrade.

É sempre difícil explicar o poético sem adentrar nele. O poema XIV<sup>4</sup> a seguir, de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, expressa melhor o que parece passar pela alma de alguns poetas no momento da criação literária.

<sup>4</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. In: "O guardador de rebanhos". Org. Jane Tutikian. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, p. 54-55.

### XIV

Não me importo com as rimas. Raras vezes Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra. Penso e escrevo como as flores têm cor Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me Porque me falta a simplicidade divina De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me, Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado, E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...

Diante disso, não há dúvidas de que o **poema** seja um gênero textual que faz parte do gênero literário. Já **poesia** é mais difícil de definir: pode haver poesia em sons, em imagens, em cheiros (quem duvidaria?), além de nas palavras usadas para descrever tudo isso em poemas. Porém, há poesias que não são possíveis de serem escritas em palavras. Ou apenas em palavras. Em *Poemas para jovens inquietos*, os títulos de cada poema, desenhados de forma que a palavra se relaciona com a imagem que essa palavra cria, seria também poesia? Em todos os casos, para entendê-las, é necessário um leitor que também tenha um pouco de poesia no olhar.

# Sobre as palavras de Poemas para jovens inquietos

Em *Poemas para jovens inquietos* o vocabulário pode soar, muitas vezes, desconhecido para alguns leitores. Como o autor viveu bastante tempo não apenas em Porto Alegre, no Sul do Brasil, como também em diversas outras regiões do país, há expressões que são bem típicas de diferentes lugares.

Sempre vale você fazer sua própria pesquisa, mas trouxemos alguns termos típicos gaúchos, além de outros termos que possam ser desconhecidos do leitor.

**Atilho** (barbante, amarrilho, cordão; algo que se usa para amarrar, prender);

- **Átimo** (pequena parte, instante, em italiano);
- **Boi de mamão** (manifestação folclórica típica do litoral de Santa Catarina semelhante ao bumba meu boi);
- Boi sonso (inútil, que não faz diferença, aquele que não reage);
- Brete (área de contenção de animais, como bois e cavalos);
- Buçal (cabresto forte);
- Canga (peça de madeira colocada no pescoço de bois para prender ao arado);
- Ceifadeira (máquina que faz a colheita);
- **Cérbero** (na mitologia, o cão de três cabeças guardião do inferno);
- Cheio de dedos (com cuidados excessivos);
- Com as calças na mão (por pouco; situação embaraçosa);
- Contrapelo (em direção contrária);
- **De pires na mão** (expressão popular que significa estar pedindo esmola);
- **Delenda Carthago** (ações devem ser tomadas com urgência para a aniquilação de Cartago);
- Demiurgo (trabalhador para o povo);
- Embatucado (calado);
- **Estricnina** (estimulante do sistema nervoso central; em excesso é um tipo de veneno);
- Fleumático (paciente; muito calmo; sem emoções);
- Ignoto (desconhecido);
- Lagartear (ficar deitado tomando sol, como um lagarto);
- **Lambrequins** (enfeite de madeira que se coloca na ponta de um beiral no telhado);
- Limerick, ou limeriques (poema curto, de cinco versos, em que o primeiro, o segundo e o quinto rimam estre si, enquanto o terceiro e o quarto formam outra rima);

126

- Macega (erva daninha);
- Mansarda (cômodo no último andar de uma casa);
- Morituri (aqueles que estão prestes a morrer)
- Mortui (morto);
- Pandorga (pipa, papagaio, quadrado);
- **Plátano** (árvore típica do clima subtropical e temperado, suas folhas ficam avermelhadas no outono e caem no inverno);
- **Ponto de fuga** (perspectiva, ponto de onde convergem os raios para uma figura tridimensional);
- Querelas (lamentação, queixa);
- **Rechinar** (queimar a fogo vivo, assar);
- Sídero (relativo aos astros; brilhante como aço);
- **Sarça** ardente (arbusto que está em chamas, sem ser consumido por elas);
- **Tri sonso** (tri é uma maneira de enfatizar algo, tri sonso que dizer *muito* sonso);
- **Voragem** (tudo aquilo que é capaz de tragar, sorver, destruir com violência).

A listagem acima não faz parte do gênero literário poema, mas o uso que o poeta faz dessas palavras no texto, em combinação com outras, *gera* imagens poéticas e transforma *o conjunto* em poema, um gênero literário para leitura de fruição.

Além disso, é possível observar, no livro todo, o uso de vocabulário bem diversificado: termos regionais e em latim — língua clássica que deu origem ao português, entre outras línguas; referências à mitologia greco-romana, fatos históricos e a marcações geográficas. Vemos também termos relacionados à (esf)era digital. Podemos dizer que há uma viagem da Antiguidade até a atualidade feita justamente a partir da escolha das palavras, cuja combinação ideal entre elas seria o trabalho do poeta: o ofício de fazer com que essas palavras representem a poesia que ele quer transmitir.



# **Asas abertas**

Como um albatroz, não me sinto bem em terra firme.

Ainda bem que a poesia e a arte existem para dar vazão ao desassossego de jovens inquietos de todas as idades. Nos versos certeiros do premiado escritor Sérgio Capparelli, a época digital em que vivemos ganha novas formas e expressões, e o mundo, ao alcance de um clique, se revela a quem tiver curiosidade - e acesso à internet. Seja a realidade analógica ou digital, seja em limeriques, haicais, em versos rimados ou brancos, a poesia sempre resiste e está aí para nos manter conectados, com os outros ou com a gente mesmo.

editora bopi

